

riamente rigoroso e crítico, não está acompanhando o ritmo das mudanças no universo das relações políticas e sociais. Este, sem dúvida, é um dos momentos mais difíceis da atribulada convivência no exercício científico com a urgência da prática política" (pp. 10-11). Os textos são, pela ordem de apresentação, os seguintes: "Filosofia e Política" - Nilo Odália; "Há uma Crise nas Ciências Sociais?" - José Carlos Bruni; "A Tirania do Olhar" - Roberto Romano; "Crise do Marxismo e Política" - Marco Aurélio Nogueira; "A Morte' do Marxismo e a Democracia" - Iná Camargo Costa; "Democracia e Revolução" - Cristina Diniz Mendonça; "Rumos do Estado na Sociedade Contemporânea" - Oliveiros S. Ferreira "Voto e Mercado na Sociedade Competitiva" - Reginaldo de Moraes; "Transição e Cidadania no Brasil Contemporâneo" - Gildo Marçal Brandão; "As Determinações da Longa Duração e sua Conversão: o impasse" - Fausto Castilho; e "A Astúcia do Príncipe e a Invenção da República" - Luiz Werneck Vianna.

O *Pensamento em Crise e as Artimanhas do Poder*, na maioria de seus textos, constitui-se em instigante reflexão acerca das possibilidades e dos limites das ciências (humanas) no sentido de fornecer alguns parâmetros para a compreensão de várias dimensões da sociedade brasileira atual - o que, no meu entender, transforma-o em leitura fundamental para os cidadãos que se interessam pela "realidade" que os cercam. ■

O CAPITALISMO, SUA EVOLUÇÃO, SUA LÓGICA E SUA DINÂMICA

Paul Singer.

São Paulo, Editora Moderna, 1987.

Por Solival Silva e Menezes

Doutorando em Economia no IPE/USP, mestrando em Finanças na EAESP/FGV.

Neste interessante livro de pouco mais de oitenta páginas, o reconhecido economista e Secretário Municipal de Planejamento de São Paulo, Paul Singer, consegue traduzir em poucas e boas palavras a dinâmica do modo de produção capitalista, tornando acessível ao leigo um pouco da história e da teoria econômica.

É uma obra que reflete a preocupação do autor em tornar a ciência um instrumento de compreensão da realidade, permitindo ao homem comum "driblar" o economês e entender o que quis dizer Marx, Keynes ou os neoclássicos sem necessariamente recorrer a teoremas e

hipóteses originais, mas usando palavras comuns do entendimento de todos.

Refutando as definições, por exigirem prévio conhecimento do leitor, Singer apresenta o Capitalismo a partir de sua tendência de transformar tudo que é desejável em objeto do comércio, destacando sua evolução histórica em paralelo ao nascimento das teorias que tentam explicar o funcionamento do sistema econômico. Mostra, por exemplo, que o Capitalismo, não obstante suas graves deficiências do ponto de vista da produção e distribuição, trouxe avanços consideráveis para a humanidade, contabilizando ganhos científicos e evoluções sociais que beneficiaram também as camadas mais baixas das pirâmides econômicas (os trabalhadores). Esses ganhos, entretanto, têm sido historicamente muito maiores para as classes dominantes que para os trabalhadores, residindo aí, na opinião do autor, uma das falhas que leva o capitalismo a ser tão criticado.

Muito interessante é a demonstração da lógica do capitalismo a partir da produção simples de mercadorias e do conflito de classes, desembarcando na ocorrência das crises de realização e dos ciclos econômicos. Neste ponto, são inevitáveis as referências à grande crise dos anos 1930, com o autor destacando o nascimento, do ponto de vista teórico, da nova ortodoxia econômica fundamentada em Myrdal, Kalecki e Keynes.

Outra parte importante do livro é a que especula sobre o fim do Capitalismo, onde Singer, não obstante sua clara filiação marxista, demonstra ceticismo quanto a um futuro comunista da civilização nos termos que Marx previu. Ao invés disso, argumenta que uma das possíveis trajetórias do atual modo de produção é "a sua transformação, gradual e indolor, em uma espécie de economia internacional semi-regulada por órgãos intergovernamentais, em conjunto e/ou conflito com os governos das grandes potências". Outro caminho possível seria o renascimento do movimento anticapitalista que, no entanto, não destruiria o modo de produção, mas buscaria um caminho alternativo que eliminaria a atual autocracia empresarial, colocando os trabalhadores em seu lugar.

Trata-se, enfim, de uma obra ímpar que merece ser lida por todos aqueles que desejam uma visão coloquial da Economia sem cair no banal. Seu autor revela, além de uma grande capacidade de simplificar a Economia, uma grande crença na democracia enquanto corolário de uma sociedade mais igualitária e onde as estruturas hierarquizantes são meras fábulas. ■